

Laboratório, imersão e improvisação na criação audiovisual contemporânea: novas políticas de criação

Walmeri Ribeiro
doutoranda pela PUC-SP
Produtora e Pesquisadora

Palavras-chave: Criação Audiovisual; Laboratório; Políticas de Criação

Uma série de questões contribui para mudanças significativas no modo de produção audiovisual na contemporaneidade. Por um lado, há um grande leque de possibilidades tecnológicas para captação e processamento da imagem e som, bem como o acesso é cada vez mais fácil a essas tecnologias; por outro uma demanda de mercado que visa a por múltiplas janelas de exibição, o que torna “as fronteiras” entre as diferentes telas mais fluídas.

Além disso, como apontado pela teórica alemã Erika-Fischer-Lichte (2008), em seu livro *“The Transformative Power of Performance”*, desde a década de 60 há uma tendência performativa na produção artística ocidental. Intitulada por Lichte como *“performative turn”*, ou seja, virada performativa, essa tendência permeia todas as formas de expressão artísticas. Na produção audiovisual esta virada performativa, esteve por muito tempo associada à produção da videoarte e do “cinema experimental”, entretanto, atualmente, podemos apontar esta como uma forte tendência da produção audiovisual contemporânea, o que suscita algumas questões abordadas neste artigo, como as novas políticas de criação que propõem uma experiência investigativa e o deslocamento do conceito de diretor e ator para os de encenador e criador.

Do ponto de vista das políticas de criação, acompanhamos cada vez mais um processo criativo que “se torna mais presença do que representação”, (Lehmann, 2007:143), numa experiência partilhada, na qual o laboratório torna-se fundamental.

Num processo marcado pela forte presença de um encenador, há então, o que estamos chamando de, um deslocamento do conceito de direção. O diretor/encenador é quem decide, a partir do projeto poético da obra, o processo de criação necessário para alcançar tal proposta, bem como o tipo de preparação que os atores receberão. E é a partir, então, de uma experiência investigativa, marcada por um processo de imersão e improvisação, que a obra se constrói.

Segundo Renato Cohen em *“Performance como Linguagem”*(1997), o encenador é quem decide o processo de criação e a linguagem a ser utilizada, sendo a criação resultado de laboratórios, experiências e discussões. Cohen ressalta ainda que na performance a criação se dá de forma horizontal, pela colaboração, e que a ênfase da preparação do ator-performer é bastante distinta do ator-interprete. Trata-se de uma preparação que busca pelo desenvolvimento de habilidades psicofísicas e pelo desenvolvimento pessoal do ator, na qual o objetivo é buscar a personagem partindo do próprio ator, “O processo vai se caracterizar por uma extrojeção (tirar coisas, figuras suas) do que uma introjeção” (1997:105).

Para diretores/encenadores como Luiz Fernando Carvalho, o laboratório é o grande *locus* da criação audiovisual. Desde o filme *“Lavoura Arcaica”*, Carvalho diz buscar em suas criações um “acontecimento” para ser mediado pelas lentes da câmera e que esse acontecimento se dá principalmente no trabalho com os atores, na mobilidade da criação, nos encontros, nos estímulos perceptivos presentes no próprio espaço de criação no qual estão mergulhados.

Assim, nesta política de criação audiovisual que traz como elemento principal do processo de desenvolvimento da obra o laboratório, destaca-se o envolvimento do ator já não mais como intérprete¹, ou seja, aquele que decora os diálogos do roteiro e executa a ação proposta, mas como criador, como um ator que propõe sua personagem, que contribui para o desenvolvimento da obra, num processo muito próximo da Performance ou do Teatro Pós-Dramático, uma preparação que busca por um desenvolvimento do ator, propondo uma “extrojeção”.

Nesse processo de criação, a partir do ator, você precisa que os atores sejam co-autores do processo (...) eles não estão ali automatizados por uma técnica, por uma mecânica, por um modo de produção, não! Eles estão ali como artistas, criando um corpo, um personagem, num processo que eu poderia chamar de desaparecimento (...) o ator precisa se transformar nesse copo vazio para ser preenchido de um novo conteúdo (CARVALHO, 2009).

Contudo, é importante ressaltar que os processos de criação audiovisuais que propõem essa política partem de diferentes estímulos para sua realização, de uma imagem, uma ideia, um texto literário, um sentimento, um texto teatral ou de um roteiro (cinematográfico ou televisual), mas possuem em comum uma criação que se dá de forma horizontal, colaborativa,

¹ Tomando o ator-interprete segundo o pensamento do cinema clássico, ou seja, um ator que interpreta uma personagem a partir de diálogos e ações previstos no roteiro, seguindo marcações planejadas anteriormente pela direção e direção de fotografia.

uma criação partilhada que acontece no encontro entre atores, equipe de direção e equipe técnica, mergulhados em um laboratório.

As buscas desses encenadores são muitas. O inglês Mike Leigh propõe um trabalho de improvisação com os atores, para a construção do roteiro da obra, pensando este de forma expandida. Para Leigh, é imprescindível não se trabalhar com um roteiro ou script, mas ir criando ações, diálogos e marcações, que estão em constante movimento.

O ponto de partida é essencial. Reúno pessoas talentosas e juntos criamos personagens, situações e diálogos. O universo do filme ganha vida por meio de um processo criativo que não tem uma duração. Em alguns filmes esse processo demora mais. Minha função é guiar a equipe e ir desenhando a narrativa numa linha que me estimule como diretor (...) o princípio básico é que só eu tenho o conhecimento integral do filme. Cada ator conhece o seu personagem, como na vida, onde cada um conhece o seu script e, às vezes, nem este (LEIGH, 2009).

Na produção brasileira, desde o final da década de 90, destaca-se a participação de um preparador de elenco, ou um conjunto de preparadores como nas produções de Luiz Fernando Carvalho, durante todo período de laboratório e até mesmo durante a filmagem. Dialogando com o projeto estético da obra, os preparadores de elenco auxiliam atores e a equipe nesse mergulho, que se dá de forma individual e coletiva.

Para Carvalho, existem vários “procedimentos técnicos” que vão colaborar para a criação do ator.

Os atores se apoiam nesses procedimentos técnicos para poder pular, é como se fosse um conjunto de pára-quedas, ele sabe que ele vai ter que pular, então ele tem que estar com excelentes pára-quedas, ele tem que saber sobre o corpo, sobre a mente, tem que ter estudado sobre a filosofia, como em Lavoura, ou música, percussão e ritmo, como em Capitu... (CARVALHO, 2009).

Acompanhado pelos olhos atentos do diretor/encenador e de toda a equipe, cada exercício de improvisação dos atores, cada proposição do ator contribui para o desenvolvimento da obra audiovisual num todo. Em entrevista Luiz Fernando Carvalho diz que em suas obras, desde Lavoura Arcaica, tudo nasce da criação do ator, das improvisações.

Todos [equipe] estão em torno e a partir, são ramificações do ator (...) e eles [atores] estão contando a história o tempo inteiro em improvisações, são improvisações que duram 6 horas, sem parar. Eles contam a narrativa toda. (CARVALHO, 2009).

Propondo essa política de criação, diretores, sobretudo os chamados da nova geração, estabelecem relações diretas com questões estéticas da contemporaneidade, tais como a fluidez, a leveza, a complexidade, a desordem e o acaso, o corpo como um sistema dinâmico e auto-organizativo, a criação e não a representação, contribuindo para o desenvolvimento de novos modos de produção que dialoguem as necessidades de uma criação que se dá na fronteira entre as linguagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Luiz Fernando. Entrevista concedida a autora deste texto, junho de 2009.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro Pós-Dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

LEIGH, Mike. Entrevista concedida ao Jornal Estado de São Paulo, março de 2009. Disponível no endereço: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090327/not_imp345542.0.php

LICHTE, Erika-Fischer. *The Transformative Power of Performance*. New York: Routledge, 2008.